

FILOSOFIA, CINEMA E ENSINO

Fábio Luciano Oliveira Costa[□]

fcostaluciano@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná (Núcleo de Estudo sobre o Ensino de Filosofia – NESEF)

RESUMO: O objetivo deste artigo é promover uma discussão entre filosofia, cinema e ensino. Um texto (primeira seção da primeira parte de “Ser e Tempo”), com um tema filosófico (ontologia) e um filósofo (Martin Heidegger), foram escolhidos para compor a estrutura do trabalho, junto com o filme “Waking Life” (de Richard Linklater), em uma turma com estudantes de filosofia do ensino médio. Outro texto, espelhado em alguns dos conceitos fundamentais da obra de Heidegger foi elaborado para constituir a peça principal da reflexão textual filosófica em sala de aula. O texto foi distribuído e posteriormente lido e discutido com os estudantes, em seis aulas, cada uma com cinquenta minutos. Depois do texto, três cenas do filme foram exibidas, uma vez de forma ininterrupta e uma outra de forma pausada, em duas aulas, com a discussão entre a linguagem e os temas das cenas do filme com a linguagem textual filosófica. Por fim, em mais uma aula, uma produção escrita que respondesse a um questionário sobre o exercício realizado foi feita pelos estudantes para a finalização do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE Filosofia; Cinema; Ensino.

ABSTRACT: *This article aims to foster a discussion between philosophy, cinema and teaching. One text (the first section of the first part of “Being and Time”), with a philosophical theme (ontology) and one philosopher (Martin Heidegger), were chosen to compound the structure of the work, alongside the movie “Waking Life” (by Richard Linklater), in a classroom of philosophy students in High School. Another text which mirrored some of the fundamental concepts of Heidegger’s work was elaborated to be the main object of philosophic textual reflection in a classroom. The text was distributed and read and discussed with the students later, in six classes of fifty minutes each. Thereafter, three scenes of the movie were screened, once uninterruptedly and another time with pauses, during two classes, discussing the connections between the language, the themes of the movie scenes and the philosophic textual language. At last, in one more class, a written production answering a survey about the exercise was done by the students to finalize the work.*

KEYWORDS: *Philosophy; cinema; teaching.*

Introdução

O objetivo do trabalho é fazer uma reflexão sobre do ensino de filosofia, tradicionalmente marcado pela leitura de textos filosóficos com a discussão de temas da filosofia, através do auxílio de filmes como ferramenta para a prática docente. Foi escolhido

[□] Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); graduação incompleta em Filosofia pela UFU; Especialista em Sociologia Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

um filme “Waking Life” (de Richard Linklater), um tema filosófico (ontologia), o texto de um filósofo (primeira seção da primeira parte de “Ser e Tempo”, de Martin Heidegger), e uma turma de uma escola estadual de ensino médio com estudantes de filosofia para realizar este trabalho.

O presente texto está configurado, além desta introdução, em mais três partes. A primeira, no intuito de apresentar a ontologia relacionada ao texto do filósofo para os estudantes, constituído pela primeira seção da primeira parte de “Ser e Tempo”, foi escrito um outro texto, “Uma Verdade para o sentido do ser em “Ser e Tempo””, que contivesse determinados conceitos particulares da obra do autor e que o movimento de sua discussão pudesse edificar uma ideia de como a verdade é incorporada na argumentação sobre o sentido do ser.

Longe de explorar as inúmeras e extensas possibilidades de suas abordagens teóricas, um pequeno texto espelhado em conceitos pertencentes à primeira seção da primeira parte da obra cumpre a finalidade não de substituir o texto principal, onde foi sugerida a sua leitura, mas de viabilizar um material mais acessível aos estudantes ainda pouco acostumados com o hábito da leitura e da discussão dos temas filosóficos.

Este material teve a função de reunir e relacionar alguns dos principais conceitos da reflexão ontológica em “Ser e Tempo”, para possibilitar o estabelecimento de uma ligação conceitual entre a ideia de verdade, confrontada com a busca do entendimento e o sentido do ser. Desta forma, os fins para os quais foi criado atendem mais aos objetivos didáticos da apresentação da linguagem particular do autor para um público que em sua grande maioria terá o primeiro contato com o assunto e o tema, do que promover uma prolongada tentativa de esclarecer o que o texto oferece com sua ampla construção filosófica.

Os conceitos de Heidegger foram brevemente caracterizados no sentido de explicitar a importância e a dificuldade particular na filosofia deste autor, cujo texto foi lido e discutido (alguns de seus conceitos) em seis aulas de cinquenta minutos, com estudantes de filosofia do terceiro ano do ensino médio.

Na segunda parte, uma pequena apresentação sobre a importância da relação entre o uso de filmes através do cinema no ensino de filosofia desemboca na experiência e nas vivências obtidas em sala de aula. Depois da leitura de alguns dos conceitos na ontologia de Heidegger, três cenas que compõem o filme “Waking Life” foram selecionadas e exibidas em sala de aula, em mais duas aulas de cinquenta minutos. Em cada aula, com o término das exposições das cenas do filme, houve uma discussão que teve por finalidade relacioná-las com o texto lido anteriormente; quer dizer, a “realidade” e o discurso temático do filme puderam

gerar os meios suficientes para proporcionar o debate com a filosofia e ainda levar em consideração um tema e um texto pré-definidos.

Neste caso, o filme apresentou os elementos suficientes para que sua relação com o texto e seus recursos conceituais fosse possível. Ao estudante caberia perceber, na medida do possível, este movimento da filosofia e sua leitura através de uma ferramenta tecnológica, no caso o uso do filme, com a forma tradicional do ensino de filosofia, realizada com a leitura e o debate dos textos dos filósofos dentro da História da Filosofia.

Por fim, a terceira parte tece considerações finais sobre a proposta do trabalho, relatando o término da realização do projeto com a produção de respostas a um questionário em forma de avaliação, distribuído pelo professor aos alunos em sala de aula e respondido em mais uma aula de cinquenta minutos.

A ontologia em Heidegger: Uma Verdade para o sentido do ser em “Ser e Tempo”

Há a necessidade de novas discussões e entendimentos sobre a busca da compreensão relacionada à questão do ser, já que esta não se faz clara, como argumenta Heidegger na abertura de “Ser e Tempo”. Tais metas, ou mesmo a atribuição de um ente ao ser, não determinarão uma precisa definição de seu conceito, já que não se pode alcançá-la, nem a definição do conceito ou a essência do ser. A lógica de determinação do ente não pode ser aplicada ao ser, cuja questão é ainda obscura e sem direção.

Essa impossibilidade ocorre porque o conceito de ser é universal em si mesmo, não precisa de mais ou de maiores explicações em sua essência. Questionar o ser é buscar de forma consciente a determinação do ente como ente, do que pode ser visto no ente como sempre compreendido, no que ele é, e como ele é. Quando com consciência e vontade libertadora há a busca do questionamento do ente, passa-se a investigar tanto o que se está questionando, quanto o que é questionado.

O que está sendo questionado, por sua vez, é o ser, o que expressa o ente como ente. A caracterização do sentido próprio do ser precisa de definição própria, que o diferencie dos conceitos que o ente alcança na determinação de seu significado. Para um possível acesso a estas características, o ente necessita ter sido questionado de modo adequado antes e em si mesmo. Essa compreensão remete à existência como um assunto ôntico (um ente determinado pela sua existência) doa “ser-aí” (*Dasein*), em que a “existencialidade” forma o conjunto de estruturas ontológicas da existência, na constituição de ser de um ente que existe.

No ser-aí, o ente é previamente interrogado em seu ser, segundo os caminhos que possam fornecer uma compreensão de si mesmo e sempre poder interpretar a si mesmo. Ao ente cabe compreender e interpretar a si mesmo, principalmente com o ente principal com o qual se relaciona: o mundo. Uma primeira análise do ser-aí começa a evidenciar o ser do ente, mas sem interpretar o seu sentido, portanto, de forma incompleta e passageira.

A “temporalidade” corresponderá ao sentido do ente, chamado ser-aí. No tempo, o ser-aí em geral busca interpretar e compreender o ser, dentro de um movimento na temporalidade que nos remete à noção de espaço e tempo em períodos sucessivos, que moldam e determinam os entes em circunstâncias específicas, acumuladas ao longo das existencialidades do ser-aí dos entes que existem e dos que existiram.

A interpretação ontológica do sentido de ser, leva em consideração a espacialidade temporal na qual se encontra o “ser-no-mundo”, do ser-aí de um ente que existe em uma “temporaneidade” específica, que compreende o espaço de tempo que caracteriza com particularidade uma determinada época. Ser-no-mundo é um modo existencial de ser do ser-aí, o ente no qual eu sempre mesmo sou, cuja existência ocorre em conjunto com uma inúmera série de outras coisas no mundo.

O ser no tempo e em sua relação com o mundo promove a História, que enquanto ciência corresponde a um modo de ser do ser-aí. A interrogação e a interpretação de um ente para tentar desvendar o sentido do ser, fazem-se dentro de uma “historicidade” específica, mas carregada sob o aparato de características culturais da tradição, através da lógica dinâmica dos entes em suas temporaneidades no mundo.

A partir da tradição é que o ser-aí compreende a si mesmo, que lhe permite fazer os melhores questionamentos, o qual abre e regula as possibilidades de seu ser. “O passado da presença, o passado de sua geração, precede a presença e antecipa seus passos”.¹ A própria questão do ser é compreendida a partir de fatos históricos.

O método de investigação sobre o sentido do ser que ocorre por meio dos entes e suas existencialidades dentro de uma historicidade do ser-aí é o da fenomenologia, que permitirá a visão daquilo que se mostra em si mesmo. O que não é visto, que se encontra obscuro, encoberto, não é o ente, mas o ser do ente. A ontologia (ciência do ser dos entes) é possível com a ajuda da fenomenologia, a ciência dos fenômenos, cuja metodologia corresponde à “interpretação” (Hermenêutica) do sentido do ser e das estruturas do ser-aí. A ontologia e a fenomenologia caracterizam a filosofia em seu modo de tratar o objeto que parte da interpretação do ser-aí.

¹ HEIDEGGER (2006), p. 58.

O fenômeno é o que se mostra, o que se revela em si mesmo, em que o ser é sempre ser de um ente. A descrição de um fenômeno é feita pela interpretação e no ser-aí é possível fornecer uma compreensão e possível interpretação para o sentido do modo de ser, que interroga o universal para o sentido de ser, construído dentro da inserção dos entes em suas trajetórias históricas no mundo. A essência (quididade) do ente ocorre a partir do ente que tem de ser, de sua existência. Para interpretar de forma ontológica o ente, a existencialidade de sua existência é que determinará a problemática que será desenvolvida.

O ser, enquanto é, possui um ente que se relaciona com seu ser. A essência de um ente ocorre a partir de seu ser, de sua existência. O cotidiano é o modo de ser do ser-aí. A particularidade da filosofia quando comparada com as ciências como a antropologia, a psicologia e a biologia, refere-se ao fato de apenas ela buscar uma essência para o modo de ser do ser-aí, busca que as ciências fazem por meio de uma ontologia de princípios.

Já que o ser-aí é um sendo, compreendê-lo envolve a relação do ser com seu próprio ser. O “quem” está envolvido num modo cotidiano do ser-aí é que nos fornece a ideia de mundo, de um ser dentro do mundo. O modo de ser no mundo não pode fornecer a completude da essência do ser, mas a atuação de um ente.

Nesta inserção do ente relacionado ao ser, e de um modo de ser que se faz num mundo, há uma ligação de entes que se encontram dentro do mundo, no qual este ente não está justaposto ao ente ser-aí. Contudo, o ser-aí remete a uma noção de espaço no qual há a ocupação cotidiana no mundo onde está inserida a existência do ente, que somada à sua existencialidade particular, fornece a “cura” como uma constituição ontológica, a qual é possível alcançar através das realizações concretas, das experiências do exercício do ser-aí, delimitando a sua dimensão ôntica. A cura não remete a patologia alguma, mas ao local onde são feitas as descobertas de algo ou alguma coisa que já estava anteriormente dado.

Discutir e conhecer o mundo é a constituição primária do ser. Quando o ser-aí conhece, ele descobre o mundo, no qual adquire um novo estado de ser num mundo já descoberto. Quando há o conhecimento, ele pertence ao ente que conhece e o conhecer representa mais um modo de ser do ser-aí, fundamentado onticamente na constituição de ser que existe e cuja existencialidade se faz em um mundo legado pela história, de outros entes que moldam uma pré-existencialidade na qual os entes são inseridos, e do próprio ente em sua historicidade.

Para conhecer o mundo é preciso reconhecer a caracterização do ser-aí de um ser-no-mundo, que apenas consegue explicar o que é simplesmente dado naquilo em que leva a um tipo de ocupação. O modo de ser em um mundo deve visualizar o momento conjuntural da

estrutura pela qual o ser-aí é inserido, sob o legado da historicidade, das discussões e conhecimentos de entes que tiveram seus ser-aí formados pelo cotidiano de determinada visão de mundo histórica.

O mundo estabelece seu ser-aí pelo “manual”, o qual é descoberto antecipadamente em todo o encontro das manualidades. No mundo, os fenômenos são interligados em referenciais, sob a ação de entes localizados em uma conjuntura relacionada à compreensão referencial dos modos de ser. Nestas manualidades, no modo de ser do instrumento que se revela por si mesmo, há uma significância com significados sobre a prática destas ações relacionadas à fenomenologia. As descobertas dessa possível conjuntura levam-nos a compreender as ações dos entes no mundo em que as significâncias são reveladas em significados.

O ser-no-mundo deve ser guiado pela “circunvisão” das ocupações referentes à constituição da manualidade de uma série de instrumentos fenomenológicos. Pelos sinais, os sentidos de nossas referências podem caracterizar todo e qualquer ente. Os sinais mostram uma ocupação na circunvisão dentro do cotidiano e os sentidos de referência nos levam a fazer relações de um ente que tem o encontro com outros entes dentro do mundo.

Quando as pessoas lidam no cotidiano com o manual, este adquire o caráter de proximidade pelos múltiplos locais que circundam o mundo. Do ponto de vista ôntico, o próprio ente ocupa um lugar no espaço em sua atuação e encontro com o manual no mundo. O ente é encontrado no espaço a partir do seu modo de ser no mundo, através das ocupações com os manuais em sua existencialidade, as quais conferem a constituição de uma referência para a compreensão do ente no seu modo de ser no mundo.

O ente é encontrado no mundo e se relaciona com outros entes que estão no mundo, em que o espaço é descoberto como existencial do ser-aí, a partir do qual é possível o acesso ao conhecimento, onde o ser desse outro ente estabelece uma “co-presença”, a existência do impessoal. A convivência dos entes dentro do mundo promove a “medianidade”, que corresponde a um caráter impessoal do existencial.

Em seu ser, o impessoal pretende interrogar a essência da medianidade. O encontro do impessoal (co-presença), com o ser-aí, é feito de maneira superficial, por meio do qual interpretamos o “quem” pertencente à convivência cotidiana do ser-aí. Na maior parte das vezes, o ser-aí é entendido a partir de seu mundo e a co-presença dos outros nos vem ao encontro sob diversas formas, a partir do que é encontrado no mundo. O encontro com os outros é feito no mundo onde o ser-aí mantém-se e existe, através de ocupações guiadas pelas circunvisões do manual em suas manualidades.

O ser-aí é o ente que eu mesmo sempre “sou”, em que o ser é sempre meu, mas sua constituição existencial passa pela compreensão do ente com outros entes no mundo. Isto determina uma constituição ontológica, mas também uma constituição ôntica, pois este ente é um eu próprio e não outro.

Compreender não é uma tomada de conhecimento, mas um modo de ser existencial onde torna possível conhecer. A ocupação da preocupação só pode ser entendida a partir da ocupação que nela é compreendida. A interpretação do ser com os outros e do ser em si mesmo responde à pergunta do “quem”, “com quem” e “onde” vive o cotidiano do ser-aí. O fenômeno da cura corresponde a interpretar o ser com o mundo e com os outros dentro do mundo, sendo o ente ocupado com as manualidades no caminho trilhado pela existencialidade.

A ocupação dos entes determina sua presença no mundo e a preocupação corresponde à constituição do ser do ser-aí arraigada com o ser no mundo e com o ser consigo mesmo. O ser em si mesmo compreende o “quem” se faz diante do mundo. Para a descoberta do manual, a ocupação pertence à circunvisão; a preocupação é conduzida pela “consideração” e pela “tolerância”.

Na característica ontológica da disposição do ente, o ser-aí constitui onticamente o “humor”. Relacionando-se com o seu humor, o ser-aí abre seu ente que é entregue a seu ser, mas a abertura não significa conhecer o ente enquanto tal, naquilo que sempre pode ser compreendido. No humor, o ser-aí é lançado em direção de algo ou alguma coisa dentro do mundo, que permite e deixa ver pela circunvisão a ocupação disposta com as manualidades dos entes com determinada co-presença no intuito de compreender.

No mau-humor o ser-aí se faz cego.

A disposição é pouco trabalhada pela reflexão e o ser-aí é precipitado no mundo em irreflexões, em desconhecimento. Se a disposição é determinada no medo, ela é relacionada com a angústia. O que ameaça, torna-se amedrontador e é descoberto no medo, que provém sempre de algo dentro do mundo.

Disposição e compreender são estruturas existenciais em que o ser do ser-aí se sustenta. A disposição sempre possui a sua compreensão, e o compreender é refinado com o humor, que interpreta os entes no mundo. Se o compreender é um existencial fundamental, que lhe determina significância, então é também um modo fundamental do ser do ser-aí.

Compreender, enquanto modo existencial do ser-aí, constitui a “visão” desta mesma. A “transparência” é a visão primeira e total da existência, o conhecimento de si mesmo na abertura de ser que se encontra no mundo. O ente tem a visão de si, na medida em que se faz

transparente em seu ser “junto-ao-mundo”, em seu ser com os outros, enquanto momentos constitutivos do ser-aí. Conhecer é julgar. “Em todo julgamento, deve-se distinguir a ação de julgar enquanto processo psíquico real e o conteúdo julgado enquanto conteúdo ideal”.²

O ser-aí no compreender, projeta seu ser para as possibilidades, nas quais se torna um poder de possibilidades de abertura do ente. O projetar-se ou lançar-se junto ao compreender possui possibilidades próprias elaboradas em formas, chamadas de interpretação que permitem transparecer as coisas no mundo aos entes, onde o compreender vem a ser ele mesmo. Interpretar são as possibilidades projetadas no compreender através da existencialidade do ser-no-mundo, e não tomar conhecimento do que foi compreendido.

O que é compreendido não é o sentido de ser, mas o ente e os modos de ser, diante de possibilidades de poder ser, interpretadas pelos entes a fim de compreender o sentido do próprio ser-aí. O sentido sustenta a compreensibilidade de uma coisa, no que pode articular-se na abertura compreensiva. Só o ser-aí pode ou não adquirir sentido. No sentido de compreender, é colocado em movimento o que será interpretado. “Sentido é a perspectiva que estrutura o projeto pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia. É a partir dela que algo se torna compreensível como algo”.³

Se a disposição e a compreensão são existenciais fundamentais que constituem o ser na abertura de mundo, o compreender possibilita uma interpretação que apropria o que é compreendido. Junto com a disposição e o compreender, a fala é um dispositivo existencial. A fala é a articulação da compreensibilidade, na qual encontramos a base para a interpretação e o enunciado. O sentido pode ser articulado com a interpretação e com a fala. A totalidade significativa articulada na fala pode ser demonstrada em significações.

O nexos do compreender e a compreensibilidade tornam clara a possibilidade existencial inerente à fala que é a escuta. A escuta é constituição da fala, pronunciada na comunicação. A linguagem é parte do ser-aí pronunciada pela fala, que por sua vez é a articulação significativa da compreensibilidade do ser-no-mundo e do “ser-com-o-mundo”.

A angústia (possibilidade de ser do ser-aí) junto com o ser-aí em que nele é aberto, oferece a possibilidade para a apreensão da totalidade do ser-aí, no qual esse ser aparece como cura, ou seja, como mediação para a possibilidade de desejar compreender o ser, e não como a decadência do ente que mergulha sempre mais na angústia privando-o da liberdade; impulso e vontade são constituições da cura. A analítica do ser-aí que produz o fenômeno da cura deverá

² HEIDEGGER (2006), p. 286.

³ Ibidem, p. 212.

preparar a problemática ontológica fundamental, que é a questão do sentido do ser em geral. A cura é sempre ocupação e preocupação.

Se a realidade é o ser dos entes dentro do mundo, então este ente só pode ser esclarecido pelo fenômeno da análise de uma realidade dentro do mundo. O ser no mundo constitui a totalidade estrutural de ser do ser-aí, caracterizada como cura, que possibilita a análise da realidade, já que a substância do homem é a existência. Nesse contexto, o modo de ser em si mesmo também pode se tornar compreensível.

A condição ontológica e existencial para a determinação do ser dentro do mundo através da “verdade” e da “não-verdade” reside na constituição de ser do ser-aí, caracterizada como um projeto lançado. Ela é o constitutivo da estrutura da cura, da superação de limites. Verdade é a abertura do ser-aí na qual pertence a descoberta dos entes no mundo.

O fenômeno da verdade se expressa no conhecimento, quando o conhecimento se expressa como verdadeiro. Assim, o fenômeno da concordância deve se tornar visível, aberto à interpretação do ente no mundo e com o mundo. O enunciado verdadeiro significa que ele descobre o ente em si mesmo, ele enuncia, deixa ver o ente em seu ser e estar descoberto. O ser verdadeiro deve ser entendido como ser descobridor.

A descoberta dos entes intramundanos se dá na abertura de mundo. A abertura constitui-se na disposição, na compreensão e na fala, onde se refere também ao mundo, ao ser no e com o mundo. “A estrutura da cura enquanto anteceder-a-si-mesmo-no-já-estar-num-mundo-come ser-junto aos entes intramundanos, resguarda em si a abertura da presença”.⁴ Com ela e por ela se dá a descoberta. Somente com a abertura do ser-aí se alcança o fenômeno mais originário da verdade.

A verdade tem sua origem na abertura através de uma modificação determinada. O modo de ser da abertura necessita de sua modificação derivada onde vigore a explicação teórica da estrutura da verdade. A verdade só é estabelecida enquanto o ser-aí é em si mesmo. A verdade (descoberta) deve ser arrancada primeiramente dos entes, no qual o ente é retirado do encobrimento.

⁴ HEIDEGGER (2006), p. 291.

Cinema e ensino de Filosofia

Conceito-imagem e a reflexão filosófica: o uso do filme no ensino de Filosofia

O filme aparece como recurso metodológico e uma alternativa educacional para a investigação de temas e conceitos filosóficos. As verdades e universalidades que aparecem no cinema podem ter já sido escritas, mas a sua captação pelo cinema é significativamente diferente. A problematização de um tema pode ser mais fácil pelo cinema, do que talvez, pela leitura (o que de forma alguma exclui esta última).

Para que o cinema possa apresentar conceitos-imagem, há a necessidade da leitura do filme por meio da filosofia, de tratá-lo como um objeto conceitual, como um conceito visual e em movimento. Deve-se buscar uma pretensa verdade e universalidade no filme, quer tenha ou não sido proposta pelo seu diretor. O cinema é filosófico caso analisemos o filme do ponto de vista conceitual, como sucessões de conceitos mostrados ou conceitos vistos⁵.

O cinema pode constituir uma prática pedagógica fundamental na contemporaneidade, dado o caráter da multiplicidade de imagens, que são criadas e recriadas constantemente, ao moldar o imaginário e configurar distintas “realidades” no cotidiano dos indivíduos⁶. Pode servir como fonte de energia para a discussão da atividade filosófica, o qual, sob o viés da ficção de uma perspectiva de realidade, pode causar o desenvolvimento cognitivo do expectador frente a uma problemática observada na trama e nos temas, onde talvez possamos formar uma compreensão de mundo.

Ainda, possibilitar uma argumentação em que venhamos a esclarecer problemáticas referentes à vida humana, já que a linguagem cinematográfica não é a mesma linguagem apresentada pelo discurso científico ou filosófico, em que conceitos como “verdades” ou “falsidades” não têm tanto peso quanto nos dois discursos acadêmicos. O que vemos no cinema não são conceitos-ideias, mas conceitos-imagens.⁷

Para o cinema, ao contrário do que tenta muitas vezes a filosofia (em construir um discurso de verdade e universalidade), a discussão não precisa estar detida na questão de um conceito lógico, mas coloca o expectador diante de situações inesperadas, de uma experiência particular apresentada pela cena de um filme ou pelo seu conjunto de cenas (todo). Os limites de um filme são diferentes daqueles apresentados pela vida, em que a técnica projeta uma imagem num espaço de tempo determinado.

⁵ ALLEN; SMITH (2005).

⁶ FISCHER (2007), p. 296.

⁷ CABRERA (2006).

Para uma visão contemporânea de educação, podemos definir uma caracterização racionalista na tentativa de explicação e entendimento da relação do homem com seu próprio sujeito, do homem com outros homens, e dos homens com o mundo no qual estão inseridos. O cinema, enquanto manifestação artística, muitas vezes é visto como espaço da busca de lazer, para a melhoria dos conhecimentos e aumento da bagagem cultural dos indivíduos. Uma discussão do uso do cinema como instrumento para a reflexão filosófica tem sido tema que tende a ganhar maior espaço na discussão intelectual.

O uso do cinema e do filme como alternativas para o entendimento da existência humana, em que desperta uma racionalidade e diversas formas de sentimentos nos indivíduos, faz com que haja uma aproximação das razões e emoções sobre uma realidade da vida cotidiana (ou mesmo de uma trajetória histórica da humanidade), em que a presença e a relação do homem no mundo nos remetem a conceitos que a filosofia trabalha.

Mesmo sem a leitura de textos específicos, pode-se fazer deste recurso tecnológico, o filme, uma ferramenta para a discussão filosófica, mas a união do filme com a leitura temática de questões filosóficas, podem aproximar os educandos no gosto pelo estudo da filosofia, com uma melhor interpretação e entendimento da leitura dos textos filosóficos.

Ao educador, é preciso a compreensão não apenas do que abordar para ensinar, mas refletir e entender em como usar as ferramentas de que dispõe para atingir o fim proposto. Desta forma, pode o filme aparecer como importante instrumento para o aprendizado da filosofia.

A experiência em sala de aula: a relação entre Filosofia, Cinema e Ensino

Mais do que uma discussão teórica sobre a utilização do cinema como recurso metodológico para o ensino de filosofia, a viabilidade prática desta relação pode ser de vital importância para professores e estudantes. O tema filosófico “ontologia” foi inicialmente apresentado aos(as) estudantes através da leitura do texto em seis aulas de cinquenta minutos.

A receptividade desta temática por parte dos(as) estudantes foi extremamente positiva pela curiosidade de um tema filosófico que, apesar da dificuldade de compreensão em conceitos novos, refletiu o interesse em um assunto que faz parte da vida de cada um(a) dos(as) alunos(as) envolvidos(as), com relevante participação por parte dos(as) mesmos(as). A filosofia particulariza-se no modo característico em que reflete sobre os conceitos propostos, na sua maneira particular de organizar as ideias.

Após a leitura do texto em sua íntegra, as cenas do filme *Waking Life* selecionadas foram exibidas em mais duas aulas, ou seja, buscou-se relacionar como o tema ontologia e seus conceitos fundamentais poderiam ser encontrados e discutidos pelas cenas do filme. Uma primeira exibição foi feita sem a interrupção das cenas escolhidas. Uma segunda apresentação das mesmas foi feita de modo pausado, ao discutir os conceitos da ontologia através das cenas do filme, tendo como subsídio o texto lido anteriormente.

O filme nos mostra vários recortes onde é possível fazer a abordagem correlativa entre a ontologia no texto de Heidegger com o discurso das cenas do filme, da inserção dos entes dentro do mundo pelas experiências de realidades determinadas pela sua existência no mundo e com outros entes, e destas experiências como um conjunto de bagagens sobre conhecimentos humanos que caracterizam a História e a noção de tempo e espaço para a humanidade. Apresenta a particularidade de alguns filmes recentes, de suas elaborações projetadas como nos filmes de desenhos animados infanto-juvenis.

Sua diferença reside na moldura do quadro total das cenas, elaboradas através de vivências cotidianas de um personagem principal com outras pessoas, e em situações diversas do cotidiano nos centros urbanos contemporâneos, marcadas com discursos científicos e filosóficos, e margeadas pelo conflito entre sonho e realidade.

A primeira cena apresentada aos estudantes compreende o discurso de um homem com o personagem principal do filme, que apresenta temas sobre características do universo humano, da divisão dos entes em dois grandes grupos: 1) Dos que sofrem de uma “falta” de vida; 2) e dos que sofrem de “muita” vida.

Propõem-nos questionar sobre as barreiras que impedem que venhamos a atingir o verdadeiro potencial humano, em que poucos conseguem definir o “espírito” do verdadeiro artista, do santo ou do filósofo, o que sugere que a maioria dos entes que existem no mundo em seus ser-áí feitos com o próprio mundo e com os outros entes (co-presentes), comunga no primeiro grupo. No questionamento final da cena do filme, interroga: O que nos faz não alcançar este “espírito”; qual a principal característica do universo humano, medo ou preguiça?

Se falarmos em um projeto-lançado que deve procurar a cura para o contínuo cuidado do ente no mundo, através da disposição na ocupação de preocupações que possam diminuir as distâncias para a tentativa de compreensão universal do ser, o que foi interrogado na cena do filme pergunta sobre dois atributos humanos, medo ou preguiça, como intrínsecos aos entes que os limitam na diminuição destas distâncias.

A segunda cena trata da fala de uma mulher e o personagem principal que começa a expor a existência humana como uma imperfeição, que parece ter vindo de um anseio ou de uma frustração. Assim, aparece a linguagem, um fenômeno ligado à existência humana, como vontade de transcender o isolamento humano para estabelecer relações entre os entes e com o mundo.

Criamos um som para definir os fenômenos que descobrimos no mundo para comunicar coisas abstratas e intangíveis, as quais vivemos. O que entendemos por frustração, raiva ou amor? As interpretações dos conceitos pelos entes os remetem a uma compreensão individual e também tradicional coletiva sobre o entendimento destas abstrações do intelecto.

Os símbolos estão mortos, boa parte das experiências dos entes no mundo não passa pela sua preocupação, disposição e ocupação, que não descobre mesmo a angústia pelo desconhecimento de tais ações. Os momentos então em que os entes estabelecem uma comunicação, em que sentem terem sido compreendidos e ter feito uma ligação comunicativa; proporcionam uma sensação próxima a uma comunhão espiritual, em que, mesmo que estas sensações sejam transitórias, são para elas que os entes são lançados como verdade.

A terceira cena mostra a fala de um homem indignado com sua existência junto ao personagem principal, por meio de questões sócio-culturais, como no caso da exclusão social, do homem alienado, solitário e depressivo, da mania humana em grandes catástrofes sociais como guerras, assassinatos, fomes, enchentes; das articulações para que estas características possam ser determinadas através dos meios de comunicação de massa, dos mecanismos de articulação política, das instituições e da convivência social. Na sua condição de dominado, conscientizado com sua dominação e inconformado pela impossibilidade de mudar esta sua situação, no final da cena e de seu discurso, acaba por cometer suicídio ao colocar fogo em seu próprio corpo.

O que Heidegger descreve como mau-humor pode ser colocado para esta discussão. Mesmo consciente de sua posição social, o suicida reconhece a angústia que adoce sua consciência na despreocupação de ocupações que promovam a diminuição dos limites que levem ao conhecimento do ser, e que necessariamente exige uma transformação da realidade.

A última cena reflete o discurso de um cientista que aborda o tema do desenvolvimento humano a partir da evolução do organismo de nossa espécie, de sua interação com o meio ambiente (sob perspectivas biológicas, antropológicas e culturais); da evolução da vida passando pela evolução da humanidade (das diversas espécies de *homo* que até agora pudemos encontrar), e de como nossa noção de tempo pode ser reduzida ao

pensarmos numa escala cronológica que se estreita quanto aos feitos produzidos pela humanidade em um passado cada vez mais próximo.

Essa cena nos remete a uma outra pergunta: poderemos chegar a ponto de formular uma escala cronológica de tempo (de bilhões de anos até o presente), em que pensemos uma trajetória não só da vida, mas da constituição do universo para uma humanidade futura na sua compreensão de realidade? O que é perguntado é que se podemos efetivamente chegar a compreender o que é o ser. O Universal é apenas uma ideia, ou uma ideia que pode ser compreendida em sua totalidade?

Considerações finais

Por fim, foi pedido aos(as) estudantes a produção de um texto na forma de avaliação, através de questionários determinados pelo professor, correlacionando o texto lido com as temáticas apresentadas pelas cenas do filme sob o olhar da ontologia, em mais uma aula de cinquenta minutos. A produtividade da discussão oral foi largamente superada pelo exercício da elaboração do texto escrito, corroborando a grande dificuldade dos(as) estudantes, na transcrição dos pensamentos e da linguagem oral para a linguagem escrita, somado ao pouco interesse para a leitura e elucidação de textos escritos.

Há que considerar a dificuldade do tema e da linguagem utilizada por Heidegger em “Ser e Tempo”. Este fato motivou ainda mais a escrita de um outro texto, ancorado na obra do filósofo, mas que tornasse mais acessível a apresentação de determinados conceitos, que seriam discutidos com a linguagem e os temas encontrados nos recortes das cenas dos filme vistas em sala de aula com os estudantes de filosofia do ensino médio.

A ferramenta tecnológica, no caso do filme, ao prender a atenção dos indivíduos de uma forma geral, dentro da “realidade” do filme, pode facilitar a construção de uma ponte para a discussão dos temas filosóficos no processo de ensino e aprendizagem realizado em sala de aula.

Como recurso didático, almeja-se que o estudante possa estar acostumado a fazer este tipo de exercício em qualquer outra ocasião, não apenas na leitura de um filme, mas na leitura da vida, de forma crítica e participativa, com renovação e criação constantes.

BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, Richard; SMITH, Murray. *Teoria do cinema e filosofia*. In: RAMOS, F, P. (org.) **Teoria contemporânea do cinema**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005, p. 71-112.
- CABRERA, Júlio. *Cinema e filosofia*. In: _____. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Trad. Roberto Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 15-48.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, vol 12, nº 35, p. 290-299, 2007. <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 14 out. 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1999.
- _____. **Ser e tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- _____. **Ser e verdade**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.
- HUSSERL, Edmund. **La idea de la fenomenologia**. Trad. M. García-Baró. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2004.